

FATOS E NOTAS

TEORIA DA HISTÓRIA OU TEORIAS DA HISTÓRIA...

A propósito do I Simpósio de Professôres de História do Ensino Superior.

Um dos momentos empolgantes do I Simpósio de Professôres de História do Ensino Superior foi sem dúvida o da abordagem das questões metodológicas. A inclusão destas entre as matérias auxiliares e complementares da História, mal permitiu esboçá-las como seria conveniente. Elas se diluíram entre uma dezena de assuntos tradicionalmente associados aos estudos históricos. Discussões se ergueram em torno de vários dêles. Foi ponto pacífico o da inclusão de **Introdução aos Estudos Históricos** entre as matérias obrigatórias do currículo de História. Quanto à temática, porém, que a integra, quase nenhuma reflexão se tornou possível. Densidade de programa do dia, variedade de perspectivas e experiências, existência de lacunas gritantes no currículo tradicional e... quer parecer-nos, certo voluntário alheamento em relação ao fundamento das questões metodológicas truncaram quase tôdas as tentativas de um estudo intenso do assunto. A sua importância em momento algum foi negada. Sem dúvida uma anuência tácita se denuncia também na acolhida geral à moção 22 (1).

(1). — Moção 22: O I Simpósio de Professôres de História do Ensino Superior, reunido em Marília, São Paulo,

Considerando que é indispensável assegurar maior eficiência à formação metodológica dos futuros professôres e pesquisadores de História, nas Faculdades de Filosofia;

Considerando que, enquanto em algumas Faculdades de Filosofia funciona como cadeira ou disciplina, com denominações variáveis, uma iniciação metodológica aos estudos históricos, inexistindo em outras;

Recomenda que as Faculdades de Filosofia instituam, de preferência como partes integrantes de uma mesma cadeira, cursos obrigatórios de "Introdução Metodológica à História", na primeira série da secção de História e "Teorias da História" (incluindo História da Historiografia). Guy de Holanda. Eremildo Luís Viana. Francisco Calasans Falcon. Emília Tezeza Alvares Ribeiro. Ricardo Román Blanco. Fernando Sgarbi Lima. José Ernesto Ballstaedt. Nilo Garcia. Pe. Miguel Schaff. Sílvio Tavares. Carl Laga.

Esta justa aceitação da necessidade de ampliar a reflexão sobre problemas metodológicos no curso de História não é, entretanto, a nosso ver, acompanhada de uma suficiente clarificação do assunto. A mesma moção votada parece-nos conter, senão um desvirtuamento, pelo menos um desvio na solução. Pretendeu-se com ela completar o programa de **Introdução aos Estudos Históricos**, dado que se sugere a criação de um novo curso agregado àquêle — agora **Introdução Metodológica à História** — e sob a denominação de **Teorias da História**. Dêle faria parte, sempre, a **História da Historiografia**.

O programa do curso fica determinado: exposição — caberá também a crítica? — das explicações mais amplas tentadas no campo da historiografia e apresentação crítica da Historiografia através dos séculos.

Concedemos aos nossos ilustres colegas que o curso de **Introdução aos Estudos Históricos** sofreu notável ampliação. Com respeitosa vênia, porém, atrevo-me a discordar que esta ampliação tenha seguido a melhor e mais desejável diretriz.

Apoiamos a nossa discordância em dois tópicos fundamentais a nosso ver:

1 — a decisão foi tomada sem uma distinção dos problemas implícitos numa **Introdução aos Estudos Históricos**;

2 — um historiador não pode sê-lo em plenitude se não penetra na definição de conceitos e problemas epistemológicos fundamentais.

A distinção a que nos referimos em 1 por-nos-ia em face de uma problemática de natureza complexa e vasta em cada uma das suas diretrizes. De preferência a tornar mais extensa uma delas, a prudência teria aconselhado à iniciação em outras de natureza diferente, ainda no âmbito da mesma **Introdução**. Obter-se-ia, dêste modo, ao menos a iniciação do aluno numa gama de problemas variados quanto à natureza. A quem pretenha estruturar um programa de **Introdução aos Estudos Históricos**, propõe-se imediatamente uma temática dupla: a que concerne à apresentação descritiva da metodologia e a que se centra numa abordagem crítica não só do método mas também do próprio conhecimento histórico. Talvez se argumente que a apresentação crítica deva ser concomitante à descritiva que só então ficará completa. Oporemos que o estudo crítico exige condições que ali não foram pressupostas. Voltaremos a elas dentro em pouco.

A temática é dupla, dissemos. O mesmo processo de sua abordagem implica em métodos de raciocínio diversificados. O problema crítico do conhecimento histórico arrasta consigo o da fundamentação da História como ciência. Atendendo à vasta reflexão levantada pela moderna especulação filosófica, êste tema não pode estudar-se sem um claro entrosamento dos problemas críticos da História nos problemas gerais do conhecimento. E' a isto que pode chamar-se legitimamente fundamentar. Tomando como exemplo o fato histórico, nas mais recentes e profundas abordagens da História como ciência, êste não se define apenas com a verificação da nota existencial. Importa, — razão *sine qua non* — elucidar algo mais, tal como o nexo genético que o valoriza num conjunto significativo (2). E a natureza dêste nexo não constitui, também, um ponto de reflexão? Eis-nos ante o problema da causalidade histórica com suas categorias próprias e que arrasta consigo tantos outros compreendidos na síntese histórica e em seus preliminares.

A fundamentação epistemológica exige a solução destas e de congêneres interrogações. Nela reside. E' o estudo sistemático dêstes problemas designado por **Teoria da História**.

A apresentação das **Teorias da História** difere naturalmente da apresentação do método histórico — programa preconizado para o 1.º ano. Pelo seu conteúdo, porém, não pela forma da abordagem. Em ambas esta é expositiva. A segunda é sem dúvida muito informativa.

Talvez se pretenda que o espírito crítico do aluno se forme pelo exame das variadas teorias. E neste ponto continuamos a discordar. O espírito crítico supõe um exame antecipado, formal. Só êste exame nos empossa num método e num padrão: o método, que é o caminho mais seguro para o exame das teorias; o padrão, que é o esquema das ciências históricas clarificado nos seus elementos lógicos e nos seus fundamentos gnoseológicos. Cada interpretação histórica só é criticável na medida em que os problemas da ciência histórica foram antes distinguidos e submetidos a um exame sistemático.

Na atual distribuição do currículo de História, em momento algum se possibilita ao aluno um estudo da ciência histórica do ponto de vista estritamente epistemológico. A **Introdução aos Estudos Históricos**, pela sua duração e também por estar colocada no 1.º ano, não torna prudente mais do que uma apresentação meramente expositiva do método no qual importa ades-

(2). — No fato histórico a existencialidade surge como condição, não porém como fundamento gnoseológico.

trar o possível futuro historiador. A **História da Historiografia** caberia, em felizes conjugações, neste programa: motivaria a exposição do método ao mesmo tempo que, ilustrando o novo conceito de ciência histórica, auxiliaria à compreensão geral do movimento que a ela conduziu (3).

Entretanto, a clara diferença entre processo empírico de fazer História ou sua interpretação empírica e a ciência histórica propriamente dita só é perceptível após um aprofundado exame do problema epistemológico.

Sem dúvida o estudo aqui desenvolvido é essencialmente filosófico (4). Pode, porém, eliminar-se uma introdução desta natureza aos estudos históricos sem condenar as gerações que se formam a permanecer numa tradição empirista da qual só uma ou outra inteligência dotada de singular vivacidade sairá, hesitantemente, após um esforço pessoal de libertação e dirigido apenas por sua maior curiosidade pessoal?

Creemos nosso dever chamar insistentemente a atenção sobre este importante assunto. Creemos, também, banido de vez todo o receio de alguns dos ilustres professores presentes ao I Simpósio de Professores de História do Ensino Superior ao ouvirem referir, em singular, **Teoria da História**. Pensava-se então, as referências o denunciaram, que por tal se entendia a abordagem sistemática de uma das tradicionais interpretações filosóficas da História — recordamos o Providencialismo ou o Hegelianismo. Julgamos dissipados os receios, pelo pouco que fica dito.

Não o indicamos — o momento não é aprazado ao seu estudo — um esquema completo dos problemas da **Teoria da História**. Hoje apenas nos interessou esclarecer um equívoco e discutir uma moção votada em nossa ausência.

* *

Foi sem dúvida de interesse palpitante, durante a proveitosa semana de outubro, o defrontar-se de duas orientações acentuadamente diferentes à cerca dos estudos históricos: a represen-

(3). — Quanto às **Teorias da História** poderiam elas, suposta a ampliação da **Introdução aos Estudos Históricos**, ilustrar o programa de **Teoria da História** sem constituir, todavia, o seu esquema básico, como é sugerido na moção 22.

(4). — Seria o momento ideal para estabelecer, sempre que se desejasse, um estudo paralelo dos critérios de outras ciências afins à História ou que apenas influíram no processo histórico da cientificação desta. Conhecer-se-ia, então, o impacto das ciências físicas e da História, a suscitação dos novos critérios das ciências humanas. Clarificar-se-ia, também a ligação da História às outras ciências humanas, prevenindo a sua real autonomização, algumas vezes lamentavelmente esquecida. Evoco apenas os historiadores de tendência sociologizante que subordinam a História a critérios estritamente sociológicos.

tada por um grupo do Rio de Janeiro e a da maior parte dos professores de São Paulo. Sentimo-nos em face de duas escolas. Entre os segundos, impõe-se o pensamento tradicional. Segundo êle, o aperfeiçoamento dos estudos históricos deve levar-se a cabo dentro do esquema da sua completa emancipação relativamente às restantes ciências. Entre os primeiros, o desejo de integração da História no conjunto das ciências sociais ia ao ponto de sacrificar, ao nosso ver, a própria autonomia da História. Foi o que se nos impôs quando ouvimos preconizar a substituição da **Introdução aos Estudos Históricos** por uma **Introdução às Ciências Sociais**, de vez que os três anos de formação comuns ao professor secundário e ao especialista, dar-se-iam em conjunto para todos os ramos das ciências sociais.

Sem negar ao esquema o mérito das razões que o fundamentam, não podemos calar a preocupação que nos causam os graves inconvenientes desta substituição — referimo-nos apenas às matérias introdutórias.

A troca de uma propedêutica especial por uma de carácter geral contém, ou a negação ou o alheamento da especificidade da metodologia histórica. E' óbvio que não queremos ignorar o que de comum subsiste no grupo. Basta evocar o fato histórico da luta conjunta para a emancipação. Basta lembrar certos critérios análogos e algum idêntico por elas utilizado. Todavia é já chegado o momento em que o problema metodológico da História impõe uma autonomização relativamente às mesmas ciências quase gêmeas, uma atenção que encontra campos já não fáceis de esgotar.

Compreendemos e apreciamos o pensamento de nossos colegas preocupados pela afirmação dos conjuntos que atuem como preventivos em relação ao perigo de especializações extremas. Mas a síntese perfeita ou mais perfeita supõe uma análise suficiente. De contrário, encontrar-nos-emos numa síntese em que a nebulosa indiscriminação perturbará o desenvolvimento, senão de todos, ao menos dos elementos que não lograram configurar-se satisfatoriamente. A História vive ainda os momentos de sua definição. Importa conservar-lhe, num currículo de si já escasso em anos, um âmbito suficiente a uma eclosão sem raquitismo.

Não podemos negar interêsse e um interêsse mesmo notável a uma propedêutica geral às ciências sociais. Porém, só se esta fôr complementada por uma propedêutica especial. Aos licenciados em História, quer se destinem ao ensino secundário ou à pesquisa — em alguns casos ambos serão associados —, im-

porta sem dúvida deixar clara a definição dos problemas metodológicos específicos sem cuja visão não haverá um nítido conceito da própria ciência.

Esquemmatizando as nossas conclusões, afirmamos:

1). — a propedêutica geral às ciências sociais tem alto interesse mas não deverá sobrepor-se a uma propedêutica especial num curso dirigido a licenciados em História;

2). — a **Introdução aos Estudos Históricos**, pela densidade de problemas que comporta, deve, naturalmente, ser beneficiada com mais largo tempo nos estudos universitários de História. Esta ampliação, criteriosamente orientada, reverte numa determinação mais clara das categorias específicas da nova ciência. Dela beneficiará o curso todo, nela poderá rever-se, com freqüência, a orientação das pesquisas dos especialistas isolados ou agrupados em Institutos anexos às Universidades;

3). — pelo menos no estágio atual de desenvolvimento das ciências históricas a amplificação do curso introdutório deverá fazer-se no sentido de uma crítica epistemológica e não apenas a favor de uma exposição de teorias explicativas da História.

MARIA CLARA R. T. CONSTANTINO

Profa. de Introdução aos Estudos Históricos e Teoria da História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.